»CB.Poder | **CARLOS VIEIRA** | PRESIDENTE DA CAIXA

Executivo afirma que a mudança da logo faz parte de um processo de modernização do banco, o que inclui o lançamento de um superaplicativo. Vieira também comentou ações com as Santas Casas e os planos para o esporte em 2027

Nova marca, com cara digital

» BEATRIZ VASCONCELOS*

Ed Alves/CB/D.A Press



A Caixa Econômica Federal mudou a identidade visual após 30 anos sem alterações e lançou um novo slogan. Em entrevista à edição de ontem ao CB.Poder*, programa realizado pelo* ***Correio Braziliense*** *em parceria com a TV Brasília, o presidente da instituição, Carlos Vieira, explicou aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Mariana Niederauer a modernização da marca e as novidades do aplicativo do banco. Agora, passa a incorporar inteligência artificial e ampliar os serviços disponíveis pelo celular.*

Por que renovar a marca da Caixa, após 30 anos?

Na realidade, a marca está dentro de um plano de modernização da Caixa. Estamos nesse projeto há três anos. Nós éramos o banco das filas. Acabamos com essa máxima e modernizamos a forma de atendimento. Esse processo culmina com o novo superapp da Caixa. Antes, para você baixar um programa que fosse da Caixa, nós tínhamos 14 apps. Hoje nós consolidamos em um só. Apenas na segunda-feira, tivemos quase 900 mil downloads do nosso app. E 10% desses downloads eram de clientes novos.

Qual é o conceito da nova marca?

A logo dialoga com o mundo contemporâneo. A forma arredondada leva essa dinâmica da aproximação, e a letra em caixa baixa é uma máxima do mundo digital. Os jovens adoram essa forma. O "X", que é uma tradição nossa do final dos anos 90, é mantido como símbolo nosso, mas em um formato que lembra proteção, lembra telhado, uma dinâmica nova. Queremos dar uma conotação de modernidade da Caixa. Depois de escutar o mercado, escutar os jovens, resolvemos mudar a logo da marca. Fizemos no lançamento ontem uma série de investidas em algumas capitais, levando, por exemplo, o Cristo Redentor vestido com as novas logos da Caixa. Enfim, a ideia é dar essa dinâmica nova para empresa.

O objetivo de renovar a clientela está sendo cumprido?

Sim, estamos com um público novo. Nesse processo de mudança da Caixa digital, há cerca de um ano, tivemos 5,3 milhões de contas abertas — 47% de jovens. Então, os jovens começam a olhar a Caixa hoje de forma diferente, vendo a Caixa realmente como um banco que tem um propósito histórico, mas que também pode ser moderno.

> **Esse processo de modernização culmina com o novo superapp da Caixa. Antes, para você baixar um programa que fosse da Caixa, nós tínhamos 14 apps. Hoje nós consolidamos em um só"**

Reprodução

Nova marca da Caixa Econômica: formato para atrair público jovem

O que a Caixa oferece para o público jovem?

Nós, latinos, temos essa tradição de querer a casa própria. Os jovens brasileiros têm um desejo de independência e eles buscam a moradia individual, morar só. Isso é uma coisa que se consolida na geração Z com muita efetividade. A Caixa tem as operações tradicionais de habitação, nós temos a capitalização, que é uma forma de acesso à moradia. Os jovens pensam muito no processo de adquirir o imóvel pelo processo de capitalização, onde eles raciocinam que 'olha, posso adquirir o imóvel fazendo uma poupança, me programando para depois não ter um pagamento de juro'. Eles querem ter um acesso digital, evidentemente como uma forma de poder estar totalmente antenado com esses processos novos. E a Caixa despertou isso.

Como a Caixa se posiciona em relação a outros bancos que estão se colocando como mais acessíveis, modernos e tecnológicos?

Nossa evolução está alinhada com a estratégia da empresa. No último Febraban Tech, eu disse que a Caixa era uma selva analógica. Isso até teve uma repercussão muito grande. E nós precisávamos sair dessa selva analógica. No mundo digital, é preciso ter uma outra forma de comunicação, de aproximação com todos os públicos. E fizemos isso. Um exemplo típico do que é a modernização da Caixa foi o pagamento do Bolsa Família. Antes, as pessoas precisavam ir à agência da Caixa. Em lugares como no norte do país, você paga R$ 600 para poder ir lá para desbloquear uma senha. Então, às vezes, as pessoas esperavam três meses, porque parte do recurso no deslocamento ficava no transporte. Hoje, com o novo app da Caixa, isso não precisa mais acontecer.

Este ano, a Caixa desenvolveu uma ação com as Santas Casas. Como funciona o apoio financeiro?

Fomos demandados pelo governo federal para que encontrássemos, em um trabalho conjunto, uma solução que beneficiasse as Santas Casas. Atualmente, 66% do atendimento do SUS é originado nas Santas Casas. No Brasil afora, temos uma quantidade que beira 3 mil unidades. Só que toda instituição precisa, muitas vezes, recorrer a recursos financeiros para equilibrar o seu fluxo. E nós encontramos uma solução com o governo federal, primeiro por medida provisória, depois por uma lei que permite que seja usado o recurso do FGTS como funding adequado à manutenção financeira das Santas Casas.

Qual foi o impacto dessa mudança?

Isso permitiu um reescalonamento da dívida dessas unidades de saúde, permitindo que as Santas Casas tivessem uma redução do seu custo de prestação mensal em algo em torno de 30%. Em 2026, foram destinados R$ 8,5 bilhões. Para 2027 está também destinado mais R$ 8,5 bilhões. Isso vai até 2030 como uma forma de gerar uma recuperação financeira das Santas Casas no Brasil.

A inteligência artificial é uma realidade. Como a Caixa está trabalhando esse ponto?

A Caixa tem um grupo de empregados dedicado à nossa transformação tecnológica digital. Temos um acrônimo, chamado TEIA, que é bem interessante: Transformação, Engajamento, Inovação e Aprendizado. Hoje 2 mil empregados no Brasil inteiro trabalham o desenvolvimento de tecnologia. Nesse processo, nós temos a IA junto. A IA na Caixa está presente em vários dos nossos processos. As áreas de risco, de produto, de resposta aos clientes usam IA.

Paralelamente a esse avanço, existem também avanços na área de segurança da informação?

Excelente pergunta. Fraude bancária é um tema muito ativo. E nós tivemos a redução em 2026, em relação a 2025, de mais de 50% das fraudes na nossa instituição. Esses números são muito expressivos. Adotamos uma série de medidas: reconhecimento facial, biometria, checagem de dados, etc. A Caixa criou uma diretoria de cibersegurança — poucos bancos têm isso. Então, a segurança bancária é um tema muito presente no nosso dia a dia.

A Caixa está focada em modernização, mas como o banco está trabalhando para clientes que precisam se familiarizar melhor com a tecnologia?

A Caixa mantém a sua rede física e a rede de lotéricas. Se juntarmos a rede física com a rede de lotéricos, temos próximo de 17.000 pontos de atendimento no país. Há doisa anos, a Caixa criou a obrigação de estar presentes em toda cidade com uma população de 100 mil habitantes. Então veja: enquanto algumas instituições estão fechando, nós estamos abrindo. Nós mantemos ativamente o atendimento físico nas agências, expandimos para os lotéricos uma série de serviços essenciais e temos todos os serviços dos canais de atendimento à disposição dos nossos clientes. Tudo isso para quem eventualmente tiver alguma questão para resolver, alguma dúvida.

O banco desenvolve um trabalho muito forte com esportes. Quais os planos para 2027?

O Brasil se tornou uma potência paralímpica depois que a Caixa passou a ser patrocinadora a partir de 2004. Estamos revisando o orçamento e já aprovamos para 2027 todos os esportes contemplados, inclusive a Copa do Mundo Feminina, que a Caixa também está participando ativamente. A gente entende que o esporte é uma forma também de trazer cidadania. A ginasta Jade Barbosa falou em uma ocasião comigo: 'Presidente, o que a Caixa faz pelo esporte não é só a inserção dos atletas de alta performance. A Caixa dá cidadania quando pega as crianças'. Aqui no Distrito Federal, em Sobradinho, temos o nosso laureado atleta Caio Bonfim fazendo um trabalho fantástico. A Caixa dá apoio àquelas crianças, gerando cidadania. Ainda sobre cidadania, é importante ressaltar nossa Caixa Cultural: recepcionamos as crianças das escolas públicas para uma tarde de imersão cultural. Esse é o papel de um banco que tem o propósito de transformar a vida das pessoas.

*** Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

CONJUNTURA

Ata do BC prevê juro alto em 2027

» ROSANA HESSEL

Em ata divulgada ontem, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, reforçou a mensagem de preocupação com a piora das perspectivas para a inflação. Ao justificar a decisão unânime de manutenção da taxa básica da economia (Selic) em 13,75% ao ano, após cinco reuniões de cortes de 0,25 ponto percentual consecutivos, o Copom sinalizou que os juros básicos devem continuar elevados por mais tempo devido à maior presença de riscos.

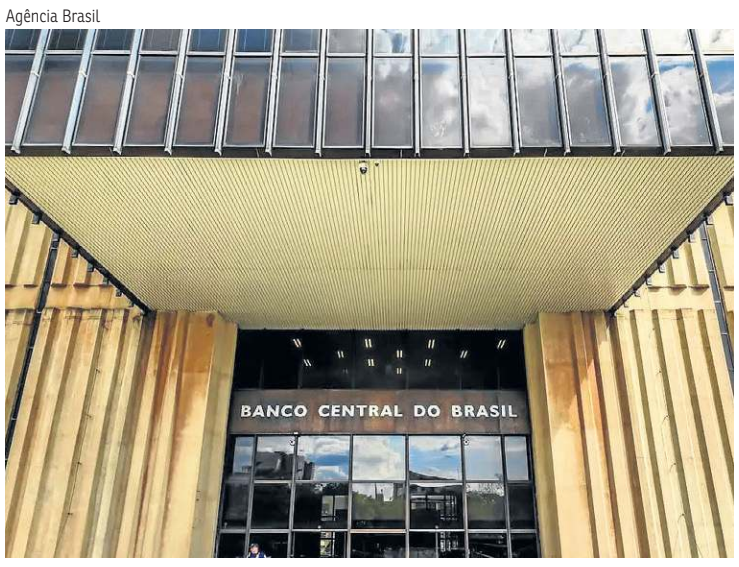
A ata descreve um cenário desafiador. "O contexto atual, caracterizado por taxa Selic substancialmente contracionista, aumento significativo das incertezas em torno do cenário base, expectativas de inflação mais elevadas, e desaceleração da atividade econômica doméstica mais acentuada, apresenta um cenário desafiador para a política monetária, demandando serenidade e cautela na sua condução (da política monetária)", afirma o documento.

Ao avaliar os cenários externo e doméstico, o Comitê reconheceu que houve aumento das incertezas. "O ambiente externo tornou-se mais adverso em função do prolongamento dos conflitos armados no Oriente Médio. Tal cenário exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por elevação da volatilidade de preços de ativos e commodities", destaca o documento.

No cenário doméstico, a ata manifesta preocupação com a política fiscal. O BC reiterou o alerta de que a deterioração das contas públicas "tem potencial de afetar a percepção sobre a sustentabilidade da dívida e impactar o prêmio a termo da curva de juros". Em complemento, o BC afirma que "uma política fiscal que atue de forma contracíclica e contribua para a redução do prêmio de risco favorece a convergência da inflação à meta".

De acordo com analistas da Warren Investimentos, a ata reforçou que o BC planeja manter a Selic no patamar atual por um longo período,

Agência Brasil



BC: choque de oferta e incertezas fiscais tornam cenário desafiador

até atravessar o efeito dos choques de oferta circunstanciais que provocam inflação. "Neste momento, o Copom não demonstra preocupação mais objetiva com a desancoragem em curso", acrescenta o documento enviado aos clientes. Segundo a análise da equipe liderada pelo economista-chefe da Warren, Felipe Salto, na ausência de medidas que fortaleçam os efeitos da política monetária, a projeção é de manutenção da taxa Selic em 13,75% ao ano, em 2026 e ao longo do 1º semestre de 2027.

Para Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, a principal mensagem do Copom foi de que "não há necessidade de elevar os juros, apesar da piora da dinâmica inflacionária". "Em nossa avaliação, a ata reforçou a mensagem do comunicado pós-reunião de que o cenário para a inflação piorou. No entanto, a atividade econômica mais fraca e o grau já bastante elevado de restrição monetária sugerem que não há necessidade de elevar a taxa de juros, ao menos por enquanto", destacou.

Dólar: maior cotação desde julho de 2025

» RAPHAEL PATI

O câmbio do dólar norte-americano chegou ao maior patamar em um fechamento desde julho de 2025 e encerrou o pregão de ontem cotado a R$ 5,59, com uma alta diária de 1,5%. Durante a sessão, o valor da divisa chegou a ultrapassar o barreira dos R$ 5,60, em um dia marcado pela publicação dos dados de inflação nos Estados Unidos e da divulgação da ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que manteve a taxa de juros em 13,75% ao ano.

Nos Estados Unidos, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI, na sigla em inglês) subiu 0,4% em outubro, acima da expectativa de mercado, que previa avanço de 0,3%, após uma alta de 0,6% em setembro. Os preços de alimentos e energia impactaram a trajetória de preços no país durante o período e pressionaram o índice geral para cima.

Ângelo Belitardo, gestor da Hike Capital, explica que todos os índices de inflação estão crescendo cerca de 50% acima da meta do Federal Reserve (Fed) — o banco central dos EUA —, que é de 2%. Em um cenário de inflação e mercado de trabalho subindo acima do que o mercado americano vinha estimando, a tendência é que os juros nos Estados Unidos sigam com viés de alta e permaneçam elevados por um tempo maior.

"Se o juro nos Estados Unidos sobe, a gente tem um menor diferencial de juros aqui no Brasil e isso faz com que o dólar tenda a se valorizar", explica Belitardo. Ele também credita a valorização do dólar à falta de sinalização fiscal mais contundente, até o momento, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para um corte de gastos. 'Então, o cenário onde o Banco Central aqui no Brasil decide por manter a taxa Selic inalterada e Estados Unidos tendem a subir juros, isso cria uma pressão mais positiva para o dólar", conclui.

No mercado acionário, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) terminou o dia com uma queda de 0,52%, aos 171.336 pontos.